

UMA NOTA SOBRE ESPERANÇA, BOLSONARISMO E NÓS.¹

Werner Schrör Leber²

Jair Bolsonaro e bolsonarismo não são sinônimos diretos. Eles têm, evidentemente, graus de parentesco. Nosso problema não é almejar a volta de Bolsonaro à presidência do Brasil pura e simplesmente. Ou então somente defender o bolsonarismo teimosamente, enaltecendo esse curto legado, sem ainda ter examinado seus contornos mais profundos de onde decorreram erros e também acertos.

A volta de Lula, como é notório para qualquer pessoa bem intencionada e bem informada, deixa claro o quanto certos retornos ao trono podem ter efeitos contrários ao que se espera. O bolsonarismo foi um movimento transitório em uma situação muito peculiar em cujo casco agarraram os mais diversos parasitas. Alguns desses parasitas apenas se aproveitaram da ocasião para atravessar o deserto. E pode voltar a acontecer, mas antes precisa-se costurar as pontas soltas. Um simples retorno àquelas premissas pode ter um efeito diferente do que se espera. Substituir algo sem o entender e invocar algo diferente sem o conhecer também é como ficar chutando uma bola contra um parede: não trará nenhuma vitória e também nenhuma derrota. Produção zero e efeito zero.

Precisamos primeiramente aprender como o bolsonarismo surgiu e o porquê - razões e motivos - de seu surgimento. Depois disso, verificar as oportunidades que ele ainda pode gerar para deixar de sermos politicamente ingênuos³. O bolsonarismo está cheio de fanatismos e de gente que não presta também. Essa crítica elementar é salutar para que não caia no bipolarismo do ou ou atual. Em muitos aspectos o bolsonarismo não é melhor do que os supostos adversários a quem se opõe. Nosso olhar precisa saber filtrar as coisas, saber usar a mediania aristotélica e, com perdão dos ateus e agnósticos, a luz do evangelho para não cair nos erros que se denuncia. Uma volta ao bolsonarismo só seria bom se fizemos disso uma estrada que nos leve a campos distintos e melhores do que as baboseiras políticas que até então foram construídas. Houve acertos? Houve e foram vários em meio a muitas controvérsias e até atos desleais de pessoas que pegaram carona naquele fenômeno temporário.

¹ “Nós” quem? Quando falo “nós” e “nosso”, refiro-me tão somente às pessoas que, como eu, não acreditam no mundialismo globalista tal e qual a social democracia europeia e o liberalismo libertário norte-americano o engendram, tornando o Partido dos Trabalhadores (PT), e seus aliados aqui no Brasil, uma adepto daquelas premissas.

² Professor de filosofia e língua portuguesa em escola pública estadual no Estado de Santa Catarina.

³ Lembremo-nos das palavras do ex-deputado federal José Dirceu: “**Vamos tomar o poder, que é diferente de ganhar a eleição**”. Ver em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-09-28/dirceu-eleicao-pt.html> (acesso em 26/01/2023).

Reconhecer erros e acertos é elementar e salutar em qualquer situação política verdadeiramente democrática. A prática da boa política sempre deveria ser assim. Bolhas dogmáticas, seja de que matiz ideológico forem, nunca trarão nada a mais que a defesa teimosa e míope de afirmativas e princípios que não se quer discutir.⁴ Simples assim: quem rejeita o diálogo e a negociação quer afirmar-se e impor-se sob o argumento evasivo mas persuasivo de que a razão e a verdade só poderão estar ou em A ou em B. Nem Maniqueu em seus melhores dias imaginou tal coisa. Percebam, eu não falo do evangelho como um crente fanático e messiânico, antes que me acusem de sê-lo. Falo dele como possibilidade de mudar o que não está bem. Falo do evangelho por ser cristão, ter sido educado e ter estudado em seminário cristão. Não que isso seja melhor e mais bem aquilatado que outras visões e experiências. Falo daquilo que me é mais familiar sem jamais querer sobrepujar outras tradições e princípios epistêmicos. Não descarto que tais aspectos também se encontrem, por exemplo, no budismo, no islamismo, no candomblé, na umbanda, no espiritismo kardecista, no agnosticismo e no ateísmo. Em certas situações é preferível um ateu lúcido que um crente cegado pela fé acrítica. Falo de evangelho como possibilidade de uma esperança que parece não estar no horizonte e nem pode estar por que não se compreende sequer o que é a esperança.⁵ Evangelho aqui é um recurso somente linguístico na falta de uma baliza melhor. Não porque não exista, mas porque minha limitação intelectual não permite. Funciona, para as minhas parcas e modestas intenções, como uma peça de retórica com a qual se recorda o surgimento daquele escrito em meio a desesperança que reinava nas pequenas e humilhadas comunidades de Israel há cerca de 2000 anos. Desesperança também reina entre nós agora e luz no fim do túnel não se vê. No entanto, uma esperança ingênua e utopicamente teimosa para nada serve. “*Se abril é o mais cruel dos meses para **A terra desolada**, é porque ele alimenta falsas esperanças de renascimento*” nos informa Eagleton (2023, p. 59).

E como não alimentar falsas esperanças? Ninguém tem essa resposta do mesmo modo como se responde que 2+3 são sempre 5 e nunca 6. Seja como for, Bolsonaro e seus círculos mais próximos sabem que devemos fazer algo: abrir a boca e não deixar que construam narrativas e engodos para entorpecer nossos cérebros e roubar a naturalidade com que as

⁴ Essa percepção é magistralmente analisada por Thomas SOWELL (1ª edição 2011; 2ª reimpressão, 2023). De modo elementar, as páginas 28-63 (Conhecimentos e Noções), em que ele discorre sobre como intelectuais fundam conceitos que passam a ser aceitos de modo acrítico, mesmo depois de ter flagrantemente produzido efeitos sociais devastadores e assolamentos sociais graves. E tal se dá tão somente por se crê que intelectuais “pensam mais e melhor”, não necessitando-se de análises técnicas e empíricas sobre seus postulados. Ainda escreverei em outra oportunidade aqui para Webartigos sobre essa pesquisa de Sowell.

⁵ Nesse sentido há autores e autoras marxistas que nos trazem pontos de vista muito interessantes. Ver, por exemplo, Terry EAGLETON, (2023). Uma análise que considero pertinente encontra-se no Capítulo 2 - *O que é esperança?*-, p. 59-122. Eagleton, que é marxista e sempre o confessa, fala sobre esperança sem os clichês triunfalistas, apontando o perigo do fanatismo tradicional que acompanha quase todo messianismo, seja ele religioso ou secular. O capítulo 1, denominado “*A Banalidade do Otimismo*” (p. 13-57) não deixa de ser também muito relevante. Mas não quero me estender sobre o tema agora pois intento escrever ainda uma análise melhor delineada deste texto de Terry Eagleton.

coisas acontecem. Esse detalhe pode ser impulsionado pelo bolsonarismo ou algo parecido que possa surgir, mas não depende só dele. Não somos donos do futuro, mas deveremos zelar pelo presente. Como assim? A esquerda e seus seguidores intelectualizados são espertos e sabem ler nas entrelinhas. Nesse sentido, souberam tirar proveito daquilo que Marx denunciava na ideologia burguesa, a qual acusava de esconder as pedras com as quais jogava. Tiveram anos de janela, como se diz no jargão popular, e prepararam-se para os tempos atuais. Eles armam e plantam apenas para eles atirar e colher. Hoje, como os burgueses que denunciavam no passado e denunciam no presente, também escondem as pedrinhas do jogo. Mas diga isso a eles. Pouco se importam pelo absoluto convencimento de que são superiores e, assim, decretam sumariamente que o bolsonarismo não passa de estrume e lixo descartável. Pelo lado do bolsonarismo, em um sem-número de casos, a defenestração sumária do lulopetismo é recíproca. O que defendo aqui é que nada disso nos ajudará. E o bolsonarismo não soube fazer melhor porque comportou-se de modo revanchista, dando ao lulopetismo as armas que eles queriam.

Esse não deveria ser o propósito de quem quer construir uma estrada nova, uma estrada que se desvincule dessa ideologia bipolar e que só favorece o discurso ideológico que nesse momento exerce o poder: o identitarismo, o globalismo, o coletivismo e os aspectos jurídicos, que aqui no Brasil respondem pelo que se entende por “garantismo”. É claro que o governo de Bolsonaro travou uma luta, a meu ver justa mas com ideias intempestivas, contra esses ditames progressistas. Mas a forma como ele fez esse enfrentamento foi certo ou tão somente o que era possível naquele momento? E se não o tivesse feito? Difícil responder.

A política, infelizmente, não é um seminário para novatos ou um colégio formado por jovens puritanos e entusiastas. Isso pode ser bom, mas não basta. Só boas intenções não resolvem o que se precisa. É só um ponto de partida e há muitos outros que poderemos trilhar sem descartar aquelas que pensam diferente de nós. Ter objetivos iguais não deveria impedir pensar de modo diferenciado sobre determinadas questões sociais, econômicas e jurídicas que afligem indistintamente a todos, em maior ou em menor grau.

Entendamos, por via de regra, essa é somente minha visão sobre o enredo, cuja origem encontra-se nas leituras filosóficas e da opinião que formei a respeito durante minha atuação como professor e vivente de dores e alegrias. Conforme essa visão, seria esse o mais elementar estatuto de qualquer coisa que seja minimamente democrática: uma visão democrática não implica pensar de igual modo sobre tudo e todos. Não devemos e não queremos ser como certa ala da esquerda identitária e estúpida, que só fala em pluralidade, democracia, liberdade, mas só quer produzir pensamentos únicos e engessados em prol de seus objetivos dogmáticos. É também justo verificar que determinados guetos bolsonaristas em nada se diferenciam nesse quesito. Autocrítica sobre si é um ponto que qualquer crítico da

esquerda coletivista atual não deveria ignorar sob pena ficar encalacrado em seus dogmatismos igualmente àqueles.

A política é cheia de meandros, de curvas perigosas e de desfiladeiros dominados por espertos e gente astuta. Na política, o domínio dessa gramática é elementar. Mas é também, infelizmente, dominada por ditadores que não hesitam em apenas querer fazer prevalecer o próprio egoísmo e interesses mesquinhos, por mais que falem no coletivo, no outro e no bem comum. E gente assim nunca é encontrada em somente uma ideologia política, embora seja atualmente muito mais evidente no assim chamado progressismo político ocidental, que atende também pelo nome de globalismo, coletivismo, identitarismo ou garantismo jurídico e mais uns sem-número de adjetivos cujas boas intenções nunca podem ser questionadas impunemente.⁶ Ainda assim, existindo em todos os matizes políticos possíveis, fazem mal a todos eles porque se colocam como melhores, como guias, que no fundo não deixa de ser uma faceta autoritária.

Lembro de ter lido uma vez uma afirmativa cujo autoria não recordo. Ela vai mais ou menos assim: *partidos e políticos são como as fraldas; dever ser trocadas periodicamente e pelos mesmos motivos*. A sujeira na política sempre existiu. E quanto mais tempo deixarmos os mesmos lá, tanto mais a sujeira e a podridão aumentarão. Claro, nós não devemos aumentar a podridão da política e nem tampouco concordar com ela apelando descaradamente ao famigerado discurso “não adianta fazer nada”. Argumentar que não se pode fazer nada não é só acovardar-se, mas mostrar total ignorância em relação ao curso da política e jamais permitir a “trocas das fraldas” acima mencionadas. Todavia, diferentemente dos progressistas, creio que uma regra é fundamental e deve ser a pedra de toque de uma visão que se diz democrática. Só onde a possibilidade do erro é admitida, admite-se também a comunicação e entendimento entre pessoas, mesmo que discordem entre si sobre quase tudo. Nós devemos trabalhar pela lisura e pela ética.⁷ Sem esse arejamento salutar, sem esse rodízio de “trocas de fraldas” e e qualquer governo fica podre e apodrece o Estado junto.

Tal propósito não pode ser uma caixinha já fechada de verdades prontas, preparadas pelos intelectuais das várias bolhas ideológicas que nos arrastam para o caminho do confronto sem a possibilidade do diálogo. Em meu pobre ponto de vista, um grande número de bolsonaristas e antibolsonaristas, ao menos nesse ponto, não se diferenciam. São ambos aferrados às suas cegueiras e pequenas verdades, as quais utilizam como objeto de estimação. Verdade e

⁶ De modo sucinto, esse é o teor da investigação jornalística de Paula SCHMITT (2023). Mas não me alongarei nas linhas dela porque isso ainda será objeto de outro texto.

⁷ Dizer tal coisa pode parecer banal pela demasiada quantidade de vezes que se ouve a respeito na tevê, nos jornais, telejornais e nas mídias em geral. Entretanto, falar de ética e conhecer seu conceito técnico e especulativo é muito diferente de praticá-la, vivê-la e exigí-la. Todo e qualquer processo político e seus agentes, isto é, os eleitos do executivo e do legislativo, em não houver uma autocrítica ponderada e honesta sobre o trascurso feito, é maraco pela obscuridade e pela falta de transparência e honestidade. Temos tal coisa no Brasil? Por via de regra, pode-se afirmar peremptoriamente: Não. Mas não é isso muito a esperar dos nós? É. Mas isso é tudo.

consenso deve ser uma tentativa e não a imposição compulsória de quem se acha melhor. Quem ganha e quem perde com essas inclinações simetricamente excludentes e bipolarmente estúpidas? Todos nós uma vez que a verdade e bom senso, nesse caso, serão sempre uma questão de ou A ou B. É isso que acontece quando a política deixa de ser possibilidade e inovação - arejamento e rodízio - para tornar-se Pedra angular de projetos messiânicos. Ou você está comigo ou você está contra mim. Vemos e participamos de uma guerra de sentenças e acusações dogmatizadas e hermeticamente fechadas, em que cada um lado grita o mais alto que puder desde trincheira ideológica a que se filia.

No entanto, não é difícil reconhecer que o poder, a armadura política, o arcabouço ideológico - questão de conjuntura, conforme jargão vanguardista que hoje comanda a política mundial (establishment) -, é majoritariamente formada de pessoas e intelectuais de esquerda ou então ligada ao globalismo e ao garantismo intelectual e jurídico. Estamos sendo governados por uma magistrocracia? Nas ditas democracias ocidentais, o crivo está pendendo muito mais para o lado dos assim chamados progressistas e intelectuais orgânicos, mesmo quando o campo econômico e empírico não é a área deles. E isso já vem de algumas décadas.⁸ Se a política já é por si só perigosa e cheia de percalços, não nos cabe aumentá-los deixando seu curso na mão de quem não entende da demanda. Mas sim mitiga-los e esforçar-se para que a honestidade e a serenidade sejam uma marca e um propósito alicerçado em dados válidos e estatísticos mais próximos da realidade, sobretudo em políticas sociais nas quais o dinheiro público e linhas de crédito estão presentes. Mas aqui os progressistas pensam que os ideais de igualdade e justiça devem sobrepor-se à lógica dos recursos e suas origens. Parece que no campo jurídico também os intelectuais especulativos querem fazer a sociedade e seu andamento depender da Lei, visão que acima propus chamar de magistrocracia, do que compreender que a Lei, seja ela qual for, surge do currículo social e não o oposto. O progressismo que nos convencer de que teorias intelectualmente sofisticadas e bem estatuídas retoricamente, e que especuladores teóricos bem esclarecidos podem se sobrepor à sensatez e aos dados empíricos pesquisados por gente da área. Como se pessoas intelectualizadas politicamente e, por certo, muito competentes nas áreas em que labutam, como, por exemplo, a ciência política, a filosofia, a sociologia, a psicologia, a geografia, o direito e outras pudessem fazer-se de entendedores do que vai pelo campo empírico das relações econômicas. A economia rege-se também por elementos físicos, como, entre outros, a produção de grãos, máquinas, automóveis, roupas, ferragens e pessoas naturais que se imbricam com as produções de bens. Lindas e belas ideias a respeito de justiça social e distribuição de renda

⁸ Ver, por exemplo, os artigos reunidos de Paula SCHMITT (2023), em **Consenso INC**. Todos os textos reunidos nesta publicação são pesquisas e estudos feitos pela jornalista para mostrar que a democracia atual é formada de verdades pré-concebidas e de apenas um matiz ideológico. Tudo o que não tiver o lastro do progressismo político já deve ser de antemão desacreditado.

não podem ser feitas só por intelectuais politizados, isto é, meramente teóricos e especulativos. Podem, mas há outras formas mais restritas que no mais das vezes são preteridas em nome de intelectualismo político. A passagem abaixo dá o tom desse problema:

No coração da visão social dos intelectuais contemporâneos se assenta a crença na existência de **problemas**, criados pelas instituições existentes. **Soluções** para esses problemas podem, todavia, ser excogitados pelos intelectuais. Essa é uma visão que abarca tanto a sociedade quanto o papel dos intelectuais dentro dela. Portanto, os intelectuais não se veem simplesmente como uma espécie particular de elite, em seu sentido passivo, como grandes proprietários ou donos de diversas sinecuras que se qualificam como membros de uma elite, mas como **elite unguida**, como portadores da missão de guiar os outros para a realização de uma vida melhor (SOWELL, 2023, p. 126).

Muito desse jogo que hoje rege as economias ocidentais, nem Bolsonaro e nem o dito bolsonarismo percebeu. Perderam-se em acusações mútuas, cada uma delas sempre só visando o próprio interesse em detrimento da verdade. Foi, provavelmente, uma articulação intelectual como as premissas do que acima foi apontado, que permitiu a volta de Lula trazendo consigo, por seu turno, um sistema que se orienta mais pelo que, como norma, vem da ciência política e da ciência jurídica, do que pela realidade natural dos agentes que geram todas as divisas e recursos econômicos? O quanto o próprio Lula e Bolsonaro tem clareza sobre isso, permanece, ao menos para mim, incerto.

Não é de agora que pensadores mais à esquerda política - os defensores incondicionais do que chamamos de politicamente correto - indicam que a democracia não é natural e sim uma tentativa de equilibrar os recursos escassos que estão de posse de poucos, e os direitos de muitos que precisam ser equilibrados por meio de ações da justiça.⁹ Mas como ações da justiça, organizadas por intelectuais do direito, da ciência política, cujo viés político sobrepõe-se a tudo e todos, podem ou poderiam equilibrar o que está desequilibrado, sem recorrer ou reconhecer os motivos desse desequilíbrio? Simplesmente apontar o capitalismo, a burguesia, a famigerada classe média, o liberalismo, o imperialismo, o anarcocapitalismo e tantas outras coisas sem qualquer verificação de fatores, pode ser tão vago quanto achar que limão cura câncer de próstata ou que chá de hortelã cura Covid. Ora, desde muito tempo se repete que a distribuição de renda é injusta, que precisa-se ter mais carinho com quem trabalha e ainda muitas outras questões que afetam, majoritariamente, os mais pobres. Desde muito tempo que

⁹ Foi isso que observou o cientista político e socioólogo francês Alain Touraquine lá nos idos da década de 1990 quando escreveu um livro cujo título era: "**O que é a democracia?**" Ali já constava o que hoje se repete nos discursos progressistas: o capitalismo criou barreiras que alijaram a maioria do acesso à riqueza e que o sistema jurídico precisa reparar as injustiças que a economia produz. Em meu modo de ver, esse é a velha acusação marxista afirmada, grosso modo, por especulação teórica, mas sem nunca adentrar às raias de como a riqueza é realmente produzida, e quais são, afinal, seus arautos principais. Conforme Sowell (2023), que mencionei em outra nota, é nesse ponto que é preciso produzir uma nova visão para não deixar discursos sem sustentação empírica determinar politicamente o que as estatísticas (que são empíricas) desmentem.

se quer tal justiça, e Karl Marx não foi o primeiro tampouco o último a fazer dessa temática o interesse de suas pesquisas e especulações metafísicas. E quem não quer tal justiça? Nenhum conservador como Stuart Mill, Milton Friedmann ou Friedrich Hayeck, por exemplo, negaram tal propósito.

Porém, a desgraça para os conservadores é que as justiças sociais dependem de dinheiro, de investimentos, o que as torna tema fácil na mão de oportunistas e populistas. Como, de modo geral, nós, a população, temos um raso entendimento de orçamentos, de equilíbrio fiscal e outras coisas mais, todos prometem indiscriminadamente resolver todos os problemas. E aqui bolsonarismo e lulopetismo se equivalem. Justiça social e melhor distribuição de renda dependem e dependerão de linhas de crédito e de financiamento que envolve os agentes financeiros públicos e também privados. Pobreza e miséria são visíveis a olho nu em qualquer lugar de nosso Planeta Mãe e nunca houve um só tempo na trajetória humana em que tais coisas não existissem. E a visceralidade de tal situação é uma porta de entrada para as mais variadas propostas e, também, chantagens e promessas “cardiocraticamente” bem elaboradas.¹⁰

Denunciar os problemas é sempre mais fácil que buscar por soluções embasadas em dados e não apenas em opiniões abstratas e emocionalmente condescendentes com os mais vulneráveis. Mas ouse dizer que o capitalismo não gerou a miséria e sim a herdou! Os intelectuais orgânicos, como se diz aqui no Brasil, imaginam que boas intenções de justiça devem prevalecer mesmo quando não se sabe quem vai pagar as contas ou mesmo quando se sabe que os custos serão maiores que o benefícios que se pode alcançar. Ou seja, investe-se no imediatismo populista, mesmo quando tal fórmula nunca deu certo em lugar algum. No dizer do comentarista, vem de muito tempo essa forma de agir e, que segundo ele, traz um enorme grau de irresponsabilidade, da qual ele fala com os seguintes termos:

Tal irresponsabilidade diante um mundo real e concreto não se apresenta como simples acaso, mas se coloca como princípio. [...] Os intelectuais (especulativos - grifo meu) não foram apenas isolados das consequências materiais, mas têm, com frequência, gozado de imunidade contra, até mesmo, a perda de reputação, mesmo quando se comprova que estavam completamente errados” (SOWELL, 2023, p. 26).

Um contraponto ao progressismo economicamente irresponsável seria procurar e zelar pela honestidade intelectual e também não desprezar dados empíricos.¹¹ Estaria o

¹⁰ Em seus estudos sobre a economia e influência dos intelectuais Sowell, grosso modo, em textos como “Os Ungidos”, “A justiça Cósmica” e “Os intelectuais e a Sociedade”, aponta como que eminentes liberais do porte de Stuart Mill, Friedrich von Hayeck, muitas vezes caíram nessas armadilhas.

¹¹ Como já indiquei em nota acima, essa é a tentativa da longa e desafiadora pesquisa de Thomas Sowell em **Os intelectuais e a sociedade**, como também em outros textos como **Os unguidos**. Não me alongarei em detalhes porque ainda pretendo desenvolver um trabalho e publicá-lo aqui sobre a forma como o autor vê a influência dos intelectuais especulativos para as políticas sociais.

bolsonarismo preparado para isso? Claro que não, ainda que, mesmo com erros conceituais, mostrou-se mais decente que os grupos articulados de poder, que o Ministro Gilmar Mendes chegou a caracterizar como Cleptocracia. Lembram?

Infelizmente esse procedimento que os conservadores reivindicam é mais difícil de alcançar porque a onda dos "oportunistas, sagazes e egoístas" - que acusam de fascistas e golpistas tudo e todos que não se rendem às verdades das cartilhas deles -, muitas vezes derrubará o castelinho de areia e de sonhos antes que ele se mostre em toda a extensão. E isso é triste e desestimulante. O populismo não permite a resiliência de um projeto e nem de outro, e nem de qualquer tipo. Tudo é sempre guiado por acusações rasteiras de uma lado sobre o outro (narrativas e os especialistas em fazer isso), fazendo quase sempre nos levar a supor que precisaremos reinventar a roda a nova eleição. O castelinho de areia ficará de pé se formos persistentes, resilientes e capazes de reconhecer os erros para avançar. Nós devemos plantar árvores em cuja sombra não nos assentaremos, para lembrar de Rubem Alves. Mas não de maneira tola em ingênua, como se nossas tentativas fossem só fetichismos sobre o futuro, e o presente fosse uma expectativa vazia, no lembra o crítico literário.¹² Por ora, estamos derrotados, mas Nietzsche nos lembra de algo central: "*há muitas auroras que não brilharam ainda*", dizia o prussiano, fingindo ser forte em uma terra que já o havia esquecido. E Nietzsche, a exemplo de Eagleton, não nos oferece uma esperança fácil e sentimental, mas nos convida a trilhar o caminho dos "fortes", daqueles que não se rendem à cultura de rebanho e procuram, ainda que visceralmente dilacerados pela dor e pela derrota, construir uma ponte que nos leve para além de nossa mediocridade atual.

Antes de apenas querermos Bolsonaro e seu famigerado legado de volta, antes de também condenar todo o legado vanguardista, vale mais reconhecer a imensa mediocridade que deixamos cair sobre nossas cabeças. E nesse sentido, não fomos capazes nem de entender o mínimo do marxismo e seu sentido de história, nem o mínimo da nossa razão vivencial (a Razão Comunicativa - termo tão caro a Jürgen Habermas) e nem o mínimo do que seja conservadorismo. Perdemos-nos em nossas bolhas à medida que aceitamos discursos prontos de vigaristas de todos os matizes. Sowell nos lembra do seguinte: "*George Orwell chegou a dizer que algumas ideias são tão estúpidas que apenas um intelectual poderia acreditar nelas, já que o homem comum nunca se faz tão tolo*" (2023, p. 16). Nunca foi tão tolo mas foi. Como isso foi possível? O bolsonarismo foi tão somente uma tentativa atabalhoada e sentimental, atrelado, em muitos aspectos, um patriotismo duvidoso, de reverter essa dramática situação. Só otimismo não basta.¹³ Uma tentativa marcada de erros e imprecisões, mas de acertos também. Mas tinha ele o cabedal suficiente para erigir um projeto à altura desse anseio? Creio

¹² EAGLETON (2023), **Esperança sem otimismo**, p. 65.

¹³ Id. Ibid, p. 13: "*Pode haver inúmeros motivos aceitáveis para acreditar que uma situação acabará bem, mas esperar que isso acontecerá porque você é otimista não é um deles*"

que não. Por essa razão de desmanchiu mais rapidamente do que se esperava. Construir uma alternativa consistente é uma coisa; ele poderá envolver Bolsonaro em um futuro projeto; mas o bolsonarismo otimista e triunfalismo, messiânico em nada se diferencia de outros matizes populachos e oportunistas.

Seja como for, ainda assim era um começo cujas chances e oportunidades mais capitais foram se esvaindo à medida que os adversários souberam construir narrativas melhores, sempre batendo nos pontos fracos dos bolsonaristas no mesmo instante em que blindavam as fraquezas deles. Outro erro que não deve ser repetido em um futuro governo da “ala não progressista” e seus círculos ideológicos, é saber incorporar os que não são nem A e nem B. O bolsonarismo conseguiu reunir descontentes em suas fileiras, mas foi politicamente inepto para mantê-los. A esquerda, sempre ardilosa e matreira, jogou a isca e o bolsonarismo, com Jair Bolsonaro junto, ingenuamente embarcou na canoa furada do bipolarismo classista e do confronto entre “nós” e “eles”. A velha tática teórica e metafísica da “luta de classes” continuou a existir, mas de modo camuflado e com interesses demarcatórios para deixar claro que eram os “atrasados fascistas” e quem eram os “bons samaritanos”. Isso não foi bom e precisará ser evitado para construir contrapontos mais equilibrados e duradouros. Quando você quer vencer alguém nunca empregue as armas e os artifícios dele. Pois, se assim for feito, depois da vitória alcançada, em nada você será diferente de quem derrotou.

Perdemos todos à medida que renunciamos às nossas capacidades e engolimos o papo furado do *“galo que enrolava as galinhas dizendo que cantava para o Sol nascer”*.¹⁴ Esquecemos que a escola deve existir para formar científfica e eticamente as pessoas. Esquecemos, ou deixamos nos levar pela vigarice, quando abrimos mão no espaço escolar para discursos de gênero e protagonismo juvenil, nos esquecemos de que os dois primeiros não podem surgir e nem ser sustentados sem a propedêutica dos processos civilizatórios que nos trouxeram até aqui. Aceitamos pautas derivadas sem entender de que tronco elas vieram. O velho e bom escritor irlandês, C. S. Lewis, ironizava os progressistas lá nos idos de 1930 dizendo que não se pode promover uma revolução dos galhos contra o tronco.

Porém, esse é só um pedaço desse “esquecimento” do qual aqui falo. Uma resposta ao legado populista de esquerda não pode ser a substituição simples da volta de um polulismo da direita calhorda e vigarista, em muitos aspectos, tão ou mais acéfalo e míope que a caricatura do progressismo identitário. De que vale trocar 6 por meia dúzia do mesmo? De que vale trocar um simulacro por outro? E se uma outra possibilidade vier ao nosso encontro, deveremos fazer dela o que ainda não foi feito: abandonar o orgulho, o gueto e proclamar uma nova forma de ação que seja capaz de pavimentar uma estrada nova. E nessa nova estrada, mesmo pensado

¹⁴ Essa historietta vem de Rubem Alves. Pode ser encontrada no seguinte endereço: https://docs.google.com/document/d/15NWcgAMjv_sNjZNBxcObrb3G7IHZKHANCM1BpUgI32M/edit?hl=pt_BR (acesso em 26/01/2024).

de forma diferente e até opostas, sejamos capazes de nos respeitar e construir espaços de entendimentos. Espaços que hoje nos faltam e os perdemos porque deixamos a razão de lado e jogamos todas nossas fichas em alguém, um ente abstrato, abdicando de todas as nossas possibilidades, nos fiando cegamente em um projeto que mal conhecíamos.¹⁵ Isso vale para o lulismo de 2003 em diante e para o bolsonarismo de 2018 em diante também. Nenhuma democracia, nenhuma liberdade poderá vir de fora se antes ela não estiver dentro de nós. Quem não tem jardins por dentro, também não os planta por fora, dizia Rubem Alves. E no ditado popular se diz algo que vale muito aqui: “gente pequena pensa pequeno”. importante é também o que Immanuel Kant nos ensina. Segundo esse filósofo de Königsberg (hoje Kaliningrado, na Rússia), só pessoas inteligentes podem mudar de ideias exatamente porque pensam e não se aferram às suas ideias como objetos de estimação insubstituíveis. Já os estúpidos não podem mudar. Por isso são ignorantes e precisam impor à força aquilo que não conseguem fazer pelo diálogo e com o entabulamento de argumentos bem construídos, mas não insubstituíveis ou blindados ao exame crítico. Espero que o lado que aqui defendo tenha ficado claro.

REFERÊNCIAS

- EAGLETON, Terry. *Esperança sem otimismo*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2023.
- TOURAINÉ, Alain. *O que é a democracia*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.
- SCHMITT, Paula. *Consenso inc: o monopólio da verdade e a indústria da obediência*. São Paulo: Faro Editorial, 2023.
- SOWELL, Thomas. *Os intelectuais e a sociedade*. 2ª reimpressão. Tradução de Maurício Righi. São Paulo: É Realizações Editora, 2023.

¹⁵ Lembra de Douglas Muray, jornalista britânico que escreveu um texto maravilhoso sobre isso denominado “*Guerra contra o Ocidente*”. Mas não quero me alongar agora sobre isso.